



O PROCESSO GRUPAL EM ENFERMAGEM COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE

* *Andréia Bendine Gastaldi*
* *Alda Ap. Mastelaro Hayashi*

RESUMO

Este artigo enfoca o processo grupal como uma estratégia de promoção da saúde a ser desenvolvida pela enfermagem. Além de considerar a importância da promoção da saúde, no contexto deste início de milênio, explora o conceito de grupo e a necessidade de preparo do profissional para desenvolver tal atividade.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; Grupo; Promoção da Saúde.

ABSTRACT

The present article focuses the group process as a strategy of health improvement to be developed by the nursing team. Besides considering the importance of the health improvement in the context of the health environment in this beginning of milenium it inquires the concept of group and the need of professional instruction to develop this action.

KEY-WORDS: Nursing; Team; Health Improvement.

INTRODUÇÃO

A promoção da saúde é, neste início de milênio, um dos mais importantes desafios a ser enfrentado pelos profissionais da área da Saúde. Não se concebe mais a idéia de investir recursos e tecnologia somente em cura e tratamento - como se pudéssemos ler o clássico bordão ao contrário: "é melhor remediar do que prevenir"- mas almeja-se uma política de saúde pautada no paradigma da promoção da saúde, onde realmente cada indivíduo tenha acesso e direitos iguais ao poder se conhecer e auto cuidar-se.

* Docente do Curso de Enfermagem da UniFil.
Mestre em Assistência de Enfermagem pelas FSC/UFPR.
E-mail: gastaldi@sercomtel.com.br
alda@dilk.com.br



A Educação em Saúde, uma das estratégias para a promoção da saúde, e que também pode ser direcionada à doença e à recuperação, constitui uma importante função da enfermagem e, portanto, os enfermeiros devem estar preparados para assumir essa tarefa. No entanto, o que se observa são práticas ultrapassadas, que não atingem o indivíduo, assegurando-lhe uma possibilidade de mudança de atitude.

Segundo NASCIMENTO & REZENDE (1988) a Educação para a Saúde sempre foi desenvolvida como um conjunto de medidas para induzir as pessoas a adotarem atitudes tidas como desejáveis para a promoção da saúde e a prevenção da doença, utilizando-se para isso, porém, de metodologias tais como orientações, aulas e demonstrações, geralmente com conteúdos estritamente teóricos e desvinculados da realidade e das necessidades da população. FIGUEIROA (1997) discorrendo sobre o papel do educador em saúde, afirma que este deve estar preparado tanto na área específica do seu desempenho profissional, como também possuir conhecimentos de educação, ética e postura filosófica, que lhe permitirão responder às necessidades de aprendizagem dos usuários e também respeitar a livre vontade dos mesmos em relação a aceitar ou não, o que lhes é apresentado.

Tais considerações nos levam a refletir sobre o papel dos grupos como uma estratégia na promoção da saúde, já que esta prática tem se expandido na enfermagem como um recurso a ser utilizado pelos enfermeiros para alcançar seus objetivos referentes ao processo educativo.

O enfermeiro já possui uma certa “prática”, uma vez que desenvolve suas atividades, rotineiramente, dentro de uma equipe; porém, não podemos afirmar que todos estão devidamente preparados para enfrentar as dificuldades inerentes ao desenvolvimento do processo grupal.

O presente artigo tem, portanto, o objetivo de tecer algumas considerações sobre esta prática na enfermagem, assim como, auxiliar a compreensão por parte do enfermeiro, do seu papel na condução do grupo.

EXPLORANDO O CONCEITO DE GRUPO

Mas o que é necessariamente um grupo? De onde vem a necessidade de estar em grupo? O DICIONÁRIO BRASILEIRO GLOBO (1996) define grupo como “conjunto de objetos que se podem abranger com um lance de olhar; reunião de coisas que formam um todo; certo número de pessoas reunidas; pequena associação; ajuntamento”. Porém, nem sempre um ajuntamento constitui um grupo propriamente dito, e é este aspecto que se pretende abordar.



Percorrendo a literatura sobre o tema percebe-se que o Homem é um ser social por natureza e não concebe a idéia de estar só. Referências a esta característica são encontradas já na Bíblia, quando Deus criou o homem e a seguir a mulher para que se reproduzissem e povoassem a Terra.

A maioria das atividades que desenvolvemos cotidianamente realizam-se nos grupos dos quais participamos. São microsociedades que estabelecemos através de relações com nossos familiares, colegas de trabalho, comunidades religiosas ou outras, a partir de afinidades que temos com outras pessoas, sejam estas emocionais, culturais, econômicas, ou de outra natureza.

A formação de grupos tem sua explicação na constante necessidade do Homem em relacionar-se com o outro. Para ZIMERMAN (1993) o ser humano é gregário e só existe em função de seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, ele participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social.

De acordo com GAHAGAN (1976, p.82) “...um conjunto de pessoas é um grupo quando suas atividades se relacionam mutuamente, de uma forma sistemática, para um determinado fim”. Assim, podemos perceber que um determinado número de pessoas reunidas não forma necessariamente um grupo. Deve existir uma inter-relação entre elas para que então possa ser considerado um grupo.

Para ZIMERMAN (1993), é importante ainda que se diferencie os grandes dos pequenos grupos e, para estes últimos, também se deve considerar a distinção entre um grupo propriamente dito e os chamados agrupamentos. Por agrupamento entende-se um conjunto de pessoas que convivem, partilham um mesmo espaço, guardam entre si uma certa valência de inter-relacionamento e uma potencialidade em vir a se constituir um grupo propriamente dito. Essas pessoas compartilham um mesmo interesse, sem qualquer vínculo emocional entre elas, até que algo possa modificar toda a configuração grupal. A finalidade do grupo dependerá de quais respostas se pretenderá buscar e, a partir daí, o autor enumera uma extensa lista de diferentes tipos de modalidades grupais.

Ainda com relação à finalidade, ROGERS (1994) afirma existirem inúmeras designações para grupo, tais como: grupos de encontro, de treino de sensibilidade, centrado na tarefa, de percepção sensorial, de criatividade e outros.

FONSECA (1988) considera como microgrupos aqueles nos quais todos os participantes estão em contato face a face uns com os outros e têm uma possibilidade direta de relacionamentos interpessoais. O mesmo autor ressalta, ainda, que ao pensarmos o grupo como configuração social humana, é importante que atentemos para o papel de mediação que ele desempenha entre o todo



social e a particularidade do indivíduo. O grupo é uma configuração social intermediária que articula a realidade da esfera do indivíduo com as dinâmicas macrossociais. Quando inserido em um grupo, o indivíduo reproduz nele sua realidade sócio-histórica. É imprescindível, portanto, que se tenha claro o contexto de cada integrante do grupo, pois é esse contexto que determinará os objetivos, as estratégias e, conseqüentemente, o sucesso do grupo.

É importante que o líder ou facilitador tenha bem claro que tipo de mudanças pretende, que tipo de técnicas deverão ser aplicadas e para que tipo de pessoas, por qual tipo de facilitador e sob quais condições (ZIMERMAN, 1993). Conforme ROGERS (1994, p.18) “...o facilitador é a pessoa que cria condições para que se desencadeiem e se desenvolvam os processos de crescimento da pessoa, do grupo ou das organizações”. O mesmo autor afirma, também, que é responsabilidade do líder ou facilitador, em primeiro lugar, a facilitação da expressão dos sentimentos e pensamentos por parte dos membros do grupo.

Para ELSEN (1982) que analisou a relação entre os grupos de auto-ajuda e os profissionais da saúde, existem dois tipos de grupos de acordo com a proposta dos mesmos: um está voltado para o aspecto comportamental de seus membros, visando modificar comportamentos e atitudes; o outro destina-se a ajudar os seus membros a enfrentar situações de crise em suas vidas. Não me parece, entretanto, que possa haver essa divisão, pois em um mesmo grupo, os membros podem ajudar-se no enfrentamento de crises e assim modificar comportamentos e atitudes através de uma prática educativa que permeie esta inter-relação.

Seja qual for o tipo de grupo no qual o enfermeiro estiver trabalhando, para melhor entender e, conseqüentemente, desenvolver seu papel no grupo, ele deverá buscar conhecimentos e realizar estudos nessa área, já que muitos cursos de graduação não oferecem formação para este tipo de atividade.

A ENFERMAGEM E O TRABALHO COM GRUPOS

De acordo com MUNARI (1997) a Enfermagem, no Brasil, tem utilizado o trabalho em grupo nas suas diversas áreas, tendo sido a subárea de Enfermagem de Saúde Pública, na década de 70, a pioneira na publicação dos resultados de suas investigações na assistência a gestantes. A partir de então, diversas populações têm sido atendidas através de atividades grupais, como diabéticos, hipertensos, pessoas com problemas de locomoção, com hanseníase, obesidade, dentre outros. Entretanto, nem sempre estas atividades, apesar de denominadas



como grupo, podem ser consideradas como tal, pois estão vinculadas a algum tipo de atendimento médico, onde a participação é condicionada à distribuição do medicamento.

Segundo TRENTINI, TOMASI & POLAK (1996), a formação e a condução dos grupos por parte da enfermagem deve constituir um espaço onde se possa desenvolver, de forma saudável, ações de ensino-aprendizagem e de enfrentamento de situações estressantes. DIAS, TRENTINI & SILVA (1995) declaram ser possível construir em grupo, processos apropriados de enfrentamento, através do trabalho coletivo como gerador e propulsor de forças saudáveis. As autoras consideram, ainda, que mesmo se encontrando numa situação crônica, as pessoas podem ser saudáveis, desde que o contexto onde vivem favoreça condições dignas de vida a que têm direito como cidadãos. Deve-se acreditar que, mediante uma situação crônica de saúde, a convivência em grupo representa a melhor estratégia para o enfrentamento de tal situação.

Para MUNARI & RODRIGUES (1997), o enfermeiro que trabalha com grupos deve estar preocupado em facilitar situações que tragam benefícios terapêuticos para o grupo e não em solucionar prontamente os problemas. MORENO (1993) afirma que o enfermeiro deve estar consciente de sua função de facilitador, direcionando as ações e auxiliando nas discussões, de forma que cada integrante do grupo seja o agente terapêutico do outro.

Para se alcançar o propósito da formação e condução de um grupo, é importante que se considere alguns fatores que certamente terão influência no sucesso do mesmo. ROGERS (1994) descreve fracassos, desvantagens e até riscos no desenvolvimento dessa atividade. O primeiro risco estaria relacionado aos efeitos não muito duradouros do processo de grupo, ou seja, as transformações de comportamento, quando existem, não perduram. Explica-se pelo fato de que, talvez, *“...a experiência de grupo não é um modo de vida, mas um ponto de referência”*. Outro risco envolve o comprometimento com os problemas alheios para os quais, muitas vezes, a pessoa não está preparada. Esta situação, entretanto, pode ter seu aspecto positivo se, para a resolução desses problemas, concorrerem a união e o apoio construtivos. Apesar dos riscos, o processo grupal constitui-se, segundo esse mesmo autor, quanto aos resultados, em algo fantástico.

Portanto, o enfermeiro que se propõe a desenvolver esse tipo de trabalho, deve estar consciente de sua responsabilidade enquanto líder do grupo e, conseqüentemente, preparado para os riscos e os fracassos que possam surgir nessa caminhada.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As idéias levantadas até aqui, permitem afirmar que o processo grupal é uma importante estratégia a ser desenvolvida pelos profissionais da saúde, em particular pelo enfermeiro, para a promoção da saúde.

As experiências desenvolvidas até então constituem um referencial que confirma ser este tipo de atividade bastante produtivo e com possibilidades de aplicação em diversas populações. Entretanto, deve-se considerar, também, que a enfermagem pouco tem investido na formação de seus profissionais para o desempenho desta prática. O enfermeiro, por sua vez, tem se lançado nas ações de grupo com pouca ou quase nenhuma experiência, e poucos trabalhos nesta área têm sido publicados, o que sugere repensar a formação do enfermeiro e também investir em estudos que venham colaborar na construção de um conhecimento mais alicerçado.

Não podemos deixar de considerar por fim que tal prática é realizada com seres humanos, em sua maioria fragilizados por uma situação de doença, que apostam em soluções e que buscam uma melhor qualidade de vida nas atividades em grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DIAS, Lygia P. M.; TRENTINI, Mercedes; SILVA, Denise G. V. da. Grupos de convivência: uma alternativa instrumental para a prática da enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v.4, n.1, p. 83-92, jan./jun., 1995.
2. ELSÉN, Ingrid. **The relationship between self help groups and health professionals**. San Francisco, 1982. (Texto digitado).
3. FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso P.; GUIMARÃES, S. M. **Dicionário Brasileiro Globo**. 42.ed. São Paulo: Globo, 1996.
4. FIGUEIROA, Alejandria A. Livre vontade do usuário frente à educação em saúde. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v.6, n.3, p.131-147, set./dez., 1997.
5. FONSECA, Afonso H. L. da. **Grupo: fugacidade, ritmo e forma - processo de grupo e facilitação na psicologia humanista**. São Paulo: Ágora, 1988, 187p.
6. GAHAGAN, Judy. **Comportamento interpessoal e de grupo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.



7. MORENO, Jacob L. **Psicoterapia de grupos e psicodrama**. 2.ed. Campinas: Psy, 1993, 298p.
8. MUNARI, Denise B. Processo grupal em enfermagem: possibilidades e limites. **Rev. Bras. Enf.**, Brasília, v.50, n.1, p.3-16. jan./mar., 1997.
9. MUNARI, Denise B.; RODRIGUES, Antônia R. F. **Enfermagem e grupos**. Goiânia: AB, 1997, 114p.
10. NASCIMENTO, Estelina S. do; REZENDE, Ana L. M. de. **Criando histórias, aprendendo saúde**. São Paulo: Cortez, 1988. 68p.
11. ROGERS, Carl R. **Grupos de encontro**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994, 165p.
12. TRENTINI, Mercedes; TOMASI, Neusi; POLAK, Ymiracy. Prática educativa na promoção da saúde com grupos de pessoas hipertensas. **Rev. Cogitare Enferm.**, Curitiba, v.1, n.2, p.19-24, jul./dez., 1996.
13. ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.